

Escrever um diário  
é uma arte quase esquecida,  
mas existem variantes  
que podem proporcionar  
o mesmo prazer duradouro

# Novas maneiras de guardar recordações

NORMAN M. LOBSENZ

RECENTEMENTE, um amigo que estava planejando uma viagem de férias me pediu que lhe indicasse lugares especiais que eu tivesse visitado durante uma excursão semelhante que eu havia feito anos antes. Minha memória estava preguiçosa, mas (em parte, para tomar nota das despesas) eu tinha escrito um «diário-de-bordo» numa pequena agenda. Quando a encontrei, as rápidas notas do diário despertaram em mim recordações vívidas e intensas dos lugares e das coisas que tinha visto. Consegui planejar cuidadosamente um itinerário gratificante para meu amigo, e tive o agradável bônus de reviver minhas próprias férias.

Atualmente, são raras as pessoas que escrevem um diário. Os acontecimentos parecem suceder-se muito rapidamente, ser extremamente complexos ou demasiado triviais para que valha a pena registrá-los. «Diário?», repetiu um sujeito quando lhe perguntei se escrevia algum. «Isso é bom para os adolescentes... e para os políticos!» Muitas pessoas, contudo, encontram o mesmo prazer em algumas

modernas adaptações do princípio de escrever um diário.

Certa família que conheço, por exemplo, pendura um enorme calendário na parede da cozinha. No grande quadrado correspondente a cada data, são anotados os acontecimentos desse dia relativos a cada membro da família. A 31 de dezembro, arquivam cuidadosamente o calendário – e agora têm uma maravilhosa crônica de sua vida cotidiana. «Posso passar as folhas dos calendários e assistir a

meu próprio crescimento», diz sua filha de 19 anos. «Lá muito para trás, há uma nota sobre um piquenique a que fui quando freqüentava o jardim-de-infância, e a gincana em que ganhei uma prova quando estava no quinto ano primário. Mais tarde, lá estão meu primeiro baile, minha formatura, o dia em que consegui meu primeiro emprego.»

Minha esposa há 25 anos que faz apontamentos numa pequena agenda. Algumas das anotações diárias são demasiado resumidas para que tenham agora qualquer significado, mas a maior parte suscita recordações; o que ela vestiu em determinada ocasião especial, um restaurante onde jantamos, as flores que recebeu quando nasceu nosso primeiro filho, os nomes dos convidados para uma festa.

Outros sucedâneos do diário podem ser as cópias das cartas que enviamos. Um jovem funcionário dos serviços de saúde pública numa zona rural pobre costumava incluir, nas cartas que escrevia para casa, inúmeros detalhes sobre as pessoas com quem travava conhecimento, os locais que visitava, as ocorrências diárias, suas próprias reações — e guardava as cópias a carbono. Hoje, quando relê essas cartas, é como se estivesse vivendo novamente todas aquelas aventuras.

Um casal de certa idade tem uma agenda em que anota reminiscências pormenorizadas de ocasiões especiais da vida em comum.

«Temos prazer em recordá-las», dizem eles, «e esperamos que um dia nossos netos as leiam e se lembrem mais de nós e de nosso tempo.» Certo motorista de táxi toma nota de idéias que lhe ocorrem enquanto espera por passageiros. Por quê? «Não sei», ele mesmo admite, meio envergonhado. «Gosto de as reler, meses mais tarde, e de ver aquilo que pensei.»

Colecionar registros relacionados com experiências significativas da vida (mesmo quando isso é feito acidentalmente) constitui ainda outra variante de fazer um diário. Uma mulher de meia-idade me mostrou recentemente uma pasta de cartão amarelo com argolas metálicas repleta de desenhos que suas filhas faziam na escola. «Depois de minhas filhas terem casado», disse ela, «decidimos vender a casa, e então comecei jogando fora tudo aquilo que havíamos acumulado no sótão. Encontrei estes desenhos esquecidos. É como se estivesse vivendo de novo a infância de minhas filhas.»

Embora na realidade não seja uma «coleção», como é que você denominaria um modo singular que uma mulher encontrou para recordar seu passado? Todas as vezes que uma peça de vestuário deixava de servir a sua filha, no tempo da escola, a mãe lhe cortava um pedaço e o guardava. Quando recentemente a moça se mudou para seu próprio apartamento, chegou pelo correio uma grande

encomenda: um cobertor de retalhos, em que cada quadrado era um fragmento tirado das roupas de sua infância.

A maior parte das famílias acumulam ao longo dos anos centenas de fotos e pilhas de filmes. Com muita frequência todos eles são jogados dentro de uma caixa, sem ao menos serem classificados. Quando finalmente os projetamos não conseguimos nos lembrar que idade tinha nosso filho quando caiu daquela árvore ou o nome daquele lago em que nossa filha aparece chapinhando. Para que as imagens valham como recordações, devem ser identificadas enquanto ainda estão vivas na memória. Além disso, devem ser dispostas segundo determinado critério. Por exemplo, em vez de amontoarmos num grande álbum todas as fotos misturadas, pensemos em agrupá-las por datas ou por assuntos, em pequenos álbuns. Um pode contar a história de um acontecimento específico, como uma viagem de férias ou a mudança para uma nova casa; outro pode abranger determinada fase da vida de uma criança.

As fitas gravadas proporcionam a mais moderna versão tecnológica de se fazer um diário. Por exemplo, os pais de três rapazes que estavam longe, estudando na universidade, deram a cada um deles um gravador portátil: «Eles pareciam mais perto de nós, falando, do que quando nos mandavam cartas», disse o pai, «e talvez por

ser mais rápido falar do que escrever, eles nos contam assim mais particularidades sobre suas vidas.» Estes pais têm hoje um diário completo em fita gravada dos anos de faculdade de seus filhos – um «bem de família» que pretendem transmitir aos netos.

Francamente, a arte de fazer um diário não se perdeu, mas se converteu numa variedade de formas modernas. Seja qual for a feição que tome um diário, o importante é que constitua um prazer e não um encargo – ou, como disse um escritor, «não um desafio à posteridade, mas uma carta particular a nós próprios no futuro».

Não há muito tempo, eu me queixava à minha esposa de que nossos filhos adolescentes pareciam tão introvertidos, tão egoisticamente indiferentes ao mundo que os rodeia, que perguntava a mim mesmo se *algum dia* eles se tornariam adultos. Como resposta, minha mulher foi remexer numa velha caixa de papelão e tirou um diário já amarelecido que ela mesma escrevera. A data na capa era 1945, quando ela estava no início da adolescência. «Veja só», disse ela, «7 de maio – Dia terrível na escola, levei bomba no exame de matemática. Nancy apareceu toda vaidosa com sua bicicleta nova. Por que não posso ter também uma? Oh, meu Deus! Estou chateada, *chateada*, CHATEADA Nunca acontece nada importante. Espera aí! P. S. – Hoje é o Dia da Vitória. Acabou a guerra.» ▲